

UM LIVRO QUE SOMENTE GILBERTO FREYRE PODERIA TER ESCRITO

Luis Forjaz Trigueiros

Encontro no seu Prefácio à 21a. edição brasileira de *Casa-Grande & Senzala*, publicada em 1980 no Rio de Janeiro, uma síntese, a rematar esse estudo do Professor Eduardo Portella, bem à altura do crítico eminente que o subcreve e do tema que a sugere: "Em *Casa-Grande & Senzala*, na sua ótica abrangente e jamais excludente, se instaura um novo tipo de discurso, contrastivo e paradoxal, aberto e miscigenado: um discurso singularmente plural". Para lá do jogo, também ele gilbertianamente elaborado e da articulação sutil do exercício crítico implícito na exemplar sobriedade da economia textual, o que me chamou a atenção neste trecho do autor de *Dimensões* (como aliás em toda essa sua página, tão breve quanto incisiva) foi a precisão na escolha do vocábulo crítico, sempre carregado de significação e de propriedade no âmbito do objeto desse estudo, o livro de Gilberto Freyre cujo cinquentenário da 1a. edição o seu editor português com esta comemora. Obra abrangente e jamais excludente, diz Eduardo Portella. E mais: um novo tipo de discurso, contrastivo e paradoxal. Percorri agora algumas das muitas centenas de referências críticas que em todo o Mundo têm sido feitas, neste meio século de vida triunfal, a *Casa-Grande & Senzala* e poucas, ou talvez nenhuma definição global da obra — da obra científica e da obra literária — encontrei que me satisfizesse tanto. Que qualificativo melhor do que este para trabalho assim, "abrangente" e jamais "excludente" quando certo reducionismo crítico do nosso tempo (tantas vezes mero recurso) parece dar prevalência à exclusão sobre a abrangência? Um novo tipo de discurso contrastivo e plural, quando a obra dita literária se afinha hoje em desincarnar o estilo, mesmo sob a aparência, original ou não, da metáfora, com está a esconder a segura ou a frieza

da falta de personalidade de uma quase sempre voluntária desumanização da escrita? Fora, aliás, também Eduardo Portella, sem dúvida um dos estudiosos da obra gilbertiana, entre tantos, que mais longe conseguiram ir na definição da sua diversificada personalidade, quem noutro estudo, este publicado no volume *Expersão Literária em Gilberto Freyre*, escrevera: "Gilberto Freyre deve ser reconhecido, sem que se faça qualquer obséquo ou se pratique a menor gentileza, como divisor de águas da construção estilística no Brasil contemporâneo. O seu "anarquismo construtivo" abriu caminhos novos, passando por cima daquela "bizantinice na composição literária — são também palavras suas — que resulta em obras rigorosamente bem cuidadas e em estilos chamados castigados. O castigo do estilo nada mais é para mim do que pura estilização, extensão artificiosa e inócua". E mais adiante: "A expressão literária de Gilberto Freyre, núcleo de sustentação de todo o seu universo criador, conseguiu fazer com que a língua da região se ampliasse na região da linguagem e a estória se erguesse em História".¹ Palavras que partindo de um especialista consagrado de ciência da literatura, universitário de prestígio internacional e de uma geração já distante da geração de Gilberto Freyre, adquirem por isso especial relevância. Essa condição de "divisor de águas", aqui restrita à construção estilística, outro cientista brasileiro de geração também muito afastada da de Gilberto Freyre e situado ideologicamente em áreas que o não estão menos da sua (se é possível fechar o pensamento do mestre sociólogo pernambucano nos limites de uma qualquer esquadria ideológica, ele próprio se considerou como um "conservador-revolucionário"), o antropólogo Darcy Ribeiro, escreveu no prefácio à edição venezuelana de *Casa-Grande & Senzala* que a história da cultura brasileira conhece duas fases: antes e depois de Gilberto Freyre, opinião que reproduziu depois no seu livro *Ensaio insólito* e a propósito da qual outro estudioso da obra gilbertiana e porventura o mais amplamente informado dos seus entendidos brasileiros, o Prof. Edson Nery da Fonseca, revela: "Censurado pelos correligionários por causa desta honestidade intelectual, o autor da insólita Introdução respondeu que nenhum esquerdista brasileiro havia escrito obra tão criativamente genial como *Casa-Grande & Senzala*, por ele comparada ao que Cervantes representa para a Espanha, Camões para Portugal e Tolstoi para a Rússia".² Excelente lição que bem poderia aproveitar a alguns intelectuais portugueses, tanto da esquerda festiva como da esquerda soturna, fechados sectariamente a qualquer espécie não direi já de admiração mas de compreensão positiva aos que não pensam como eles, sejam esses de certa direita recente (não menos festiva do que a esquerda, diga-se a verdade) ou simplesmente da direita ou do centro, tradicionais ou atuais!

Pela natureza da sua originalidade científica, amplamente escorada na vasta preparação do autor e transfigurada depois pelas suas intuições e conclusões e pela sua capacidade de inventiva estilística, a publicação há cinquenta anos de *Casa-Grande & Senzala* foi desde logo recebida não só como a revelação de

1 Edição do Conselho Estadual de Cultura, Recife, 1981.

2 FONSECA, Edson Nery da. *Um livro completa meio século*, Recife, Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1983.

um extraordinário escritor (qualidade esta que Gilberto Freyre em primeiro lugar reivindica sempre: "O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social, o possível pensador, são em mim ancilares do escritor. Se bom ou mau escritor, é outro assunto"),³ mas também como portadora de teses inovadoras, provocativas e por assim dizer iluminantes de muitos pontos, até aí ainda não amplamente interpretados, da formação do homem brasileiro e, por ela, da própria cultura do Brasil. O "Prêmio Filipe de Oliveira", outorgado na altura ao escritor de 33 anos, quase desconhecido, terá sido uma das prontas consagrações do valor de uma obra que a muitos, então, terá chocado mas que a muitíssimos mais apareceu como desde logo pioneira e em primeiro lugar reveladora: "É um novo 13 de Maio," escreveu Luís Viana Filho. E continuava: "Pelo menos completa o de 1888, da princesa Isabel".⁴ *Casa-Grande & Senzala* vinha desvendar ao leitor brasileiro, na verdade até aí não isento de preconceitos quanto à presença de sangue africano em suas veias, teses inéditas sobre a miscigenação que o português tão naturalmente praticara e assumira. Aliás, Gilberto Freyre sempre pôs a tônica da sua investigação nos aspectos sociais da colonização portuguesa no Brasil e não nos de ordem política ou econômica, e disse-o: "Não nos interessa senão indiretamente neste ensaio, o aspecto econômico ou político da colonização portuguesa no Brasil. Diretamente só nos interessa o social, no sentido particular de social que coincide com o sociológico. E nenhum antecedente social mais importante a considerar no colonizador português que a sua extraordinária riqueza e variedade de antagonismos étnicos e de culturas, que o seu cosmopolitismo."⁵ Tanto quanto as teses de Gilberto Freyre, explodindo, para mais com o vigor de um estilo novo, o seu desenvolvimento haveria de ser surpreendente para os historiógrafos do tempo. Assentando no travejamento do seu ensaio nos três elementos básicos da sociedade em formação — o indígena, o português e o negro — explicava: "O critério da seqüência é evidente: primeiro o elemento autóctone e depois os adventícios, considerando o negro, para escândalo da historiografia oficial da época, como co-colonizador".⁶

Casa-Grande & Senzala é assim, em primeiro lugar, a reabilitação científica da miscigenação, um "livro ao mesmo tempo de inteligência e coragem", como escreveu Roland Barthes.⁷ E de coragem, não o esqueçamos até pela data de sua publicação, quando o racismo hitleriano se institucionalizava na Alemanha exatamente nesse mesmo ano de 1933: "Se pensarmos — escreveria Barthes no seu artigo, vinte anos depois e portanto já a uma perspectiva histórica, na espan-

3 FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*, Ed. Universidade de Brasília, 1968.

4 VIANA FILHO, Luís. *Gilberto Freyre e a valorização do negro*, Rio de Janeiro, 1962.

5 FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*, 3o. cap.

6 FONSECA, Edson Nery da. Op. cit.

7 BARTHES, Roland. *Les Lettres Nouvelles*. Paris, 1953.

tosa mistificação em que se constituiu o conceito de raça, nas mentiras e nos crimes que esta palavra lá e cá não cessou ainda de coonestar, reconheceremos que este livro de ciência e de inteligência é também um livro de coragem e de combate. Introduzir a explicação no mito é para o intelectual a única maneira eficaz de militar”.

O livro não nasceu em Lisboa mas aqui foi pensado e planeado. E muito significativamente o Prefácio à 1a. edição, mantido nas outras, está datado de “Lisboa, 1931 — Recife, 1933”. “Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e preocupações que este ensaio reflete. Em Portugal foi surpreender-me em fevereiro de 1931 o convite da Universidade de Stanford para ser um dos seus “visiting professors” na Primavera do mesmo ano”. E logo no primeiro capítulo este retrato de Portugal, que ao longo do livro se reencontra particularizado em observações penetrantes, descobertas mesmo, revelações, produto da sua investigação pelos arquivos portugueses e brasileiros e sobretudo nordestinos, tudo posteriormente trabalhado já com a metodologia científica norte-americana e de modo geral anglo-saxônica que tal como a sua educação infantil num colégio protestante americano do Recife, o formara. E ao mesmo tempo peculiarissimamente brasileiro e inconfundivelmente gilbertiano: “A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico ou antes cultural de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a européia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarina quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar de África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao Cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao próprio caráter do povo. A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África”. Há cinqüenta anos, um jovem estudioso brasileiro de Ciências Sociais, já no entanto com os títulos do pós-mestrado da Universidade de Colúmbia e que viria a ser saudado, em 1956 na Sorbonne por Georges Gurvitch como “o maior dos sociólogos modernos”, ia ao cerne da nossa identidade nacional, sem preconceitos, nem epistemológicos nem de antipatias ou de simpatias, nem de política nem de sentimento. Antes, isso sim, com empatia, a mesma capacidade empática, nele natural, e que está na base dos seus estudos de qualquer índole. A partir da nossa presença no Brasil, quem melhor do que Gilberto Freyre soube, com mais argúcia e perspicácia, com mais desassombro, minúcia e franqueza, analisar não só a vocação psicossocial do português para a miscigenação, mas, para além desse ponto, a nossa idiossincrasia, coletiva ou individualmente considerada? Aí temos em *Casa-Grande & Senzala* — alguns exemplos apenas — a miscibilidade e a mobilidade do português: “. . . nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro

contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia da ação colonizadora: A miscibilidade mais do que a mobilidade foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massas ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas. Para tal processo preparara-os a íntima convivência, o intercuro social e sexual com raças de cor, invasoras ou vizinhas da Península, uma delas a de fé maometana, em condições superiores, técnicas e de cultura intelectual e artística à dos cristãos louros". Quanto ao tipo de religiosidade do português: "A festa da Igreja no Brasil como em Portugal é o que pode haver de menos nazareno no sentido detestado por Nietzsche. No sentido sorumbático e triste". A influência dos monges, na formação de Portugal: "A ação criadora e de nenhum modo parasitária das grandes corporações religiosas — freiras cartuxos, alcobacenses, cistercienses de S. Bernardo". A fase da perseguição aos judeus; depois de analisar as circunstâncias epocais e "a superioridade dos cristãos novos em traquejo intelectual sobre os rudes filhos da terra" e outras, aponta como não foi um preconceito racista no sentido atual da palavra que lhe esteve na origem: "A mística de que se revestiram não foi como em grande parte da Europa a da pureza da raça mas a da pureza da fé". E repare-se também nesta página de *Casa-Grande & Senzala* em que se misturam, não certamente por acaso, genética humana e a sensualidade tropical de uma escrita muito sua: "Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequenò, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu no ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brincado". E como se abrangeu a língua portuguesa nos primeiros tempos? "A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem rr nem ss; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente . . ." Não é somente o estilo pessoalíssimo, ao mesmo tempo como que plástico e rítmico. É também a credibilidade que por esse estilo a dedução e a conclusão, a intuição e a inteligência tão flexivelmente se completando, desde logo merecem ao leitor; a qualquer leitor, desde o mais preparado cientificamente ao leitor comum. Não é este, aliás, um dos segredos da prosa de Gilberto Freyre, o dom da comunicabilidade pronta na exposição de teses que implicariam normalmente uma boa carga de erudição por parte do leitor, a acessibilidade de um texto mais do que fácil, aliciante?

E eis outro ponto que, subitamente, como que rejuvenesce o livro se

obra assim (e sobretudo escrita assim, pudesse envelhecer. . .) e vai ao encontro de algumas dúvidas, óbvias ignorâncias e naturalíssimas curiosidades que o leitor português, hoje, de *Casa-Grande & Senzala* ter-se-á posto nos últimos tempos. Eis que as telenovelas brasileiras já influenciam a linguagem falada do português em geral e muito em particular das gerações mais novas. Não apenas a gíria brasileira de rua, que essa varia de Estado para Estado, de cidade para cidade, e, nestas, até de zona para zona, sobretudo no Rio de Janeiro, e é em toda a parte mais ou menos efêmera; mas sobretudo as locuções tão vincadas num coloquial direto, simplificando, ameigando, como o confortável "Tudo bem!" otimista e ao mesmo tempo rematante, um fim-de-papo breve, irretorquível. E se o telespectador, sem muito tempo para pensar e nenhum para estudar o assunto e na maior parte dos casos sem vocação nem possibilidade, rapidamente assimilou — portuguesesmente assimilou. . . — essas simplificações verbais de importação, nem por isso (pois mesmo quando ele é superficial não é tolo) deixou de perguntar a si mesmo e muitas vezes aos outros, qual a origem vocabular e também fonética de um linguajar assim próximo e assim distante do nosso. E aí temos noutros trechos deste livro, Gilberto Freyre a esclarecer, a lecionar (ele, que diz só raramente ter aceitado ser professor, apesar de insistentes convites das mais importantes Universidades estrangeiras) e de tal modo o faz que estes passos poderiam ser também e como tantos outros separadamente do contexto geral da obra, a síntese desta: "Sucedeu porém que a língua portuguesa nem se entregou de todo à corrupção das senzalas, no sentido de maior espontaneidade de expressão, nem se conservou acalafetada nas salas de aula das casas-grandes, sob o olhar duro dos padres-mestres. A nossa língua nacional resulta da interpretação das duas tendências. Devêmo-la tanto às mães Bentas e às tias Rosas como aos Padres Gamas e aos Padres Pereiras. O português do Brasil, ligando as casas-grandes às senzalas, os escravos aos senhores, as mucamas aos sinhô-moços, enriqueceu-se de uma variedade de antagonismos que falta ao português da Europa". Adiante examina a discutida colocação de pronomes — o "me diga", o "me faça", em contraste com a nossa, mais imperativa; o "diga-me" ou o "faça-me" e que considera "bem típicos das relações psicológicas que se desenvolveram através da nossa formação patriarcal entre senhores e escravos, entre as sinhá-moças e as mucamas; entre os brancos e os pretos. Parece-nos justo atribuir em grande parte aos escravos, aliados aos meninos das casas-grandes, o modo brasileiro de colocar pronomes. Foi a maneira filial e meio-dengosa que eles acharam de se dirigir ao pater-famílias". Gilberto, porém, adiante esclarece certas boas almas, que já as havia, à espreita de contradições propícias ou que reagem com intolerância que não é exclusiva do sectarismo político e a que os puristas, gramáticos e bem pensantes da língua não estão imunes: "Seguirmos só o chamado "uso português" considerando ilegítimo o "uso brasileiro" seria absurdo. Seria sufocarmos ou pelo menos abafarmos metade da nossa vida emotiva e das nossas necessidades sentimentais e até de inteligência que só encontram expressão justa no "me dê" e no "me diga". Seria ficarmos com um lado morto; exprimindo metade de nós mesmos. Não que no brasileiro subsistam como no anglo-americano duas metades inimigas: a branca e a preta; o ex-senhor e o ex-escravo. De modo nenhum. Somos duas metades confraternizantes que se vêm mutuamente enriquecendo de

valores e experiências diversas: quando nos completarmos num todo não será com sacrifício de um elemento ao outro". Com tranqüila objetividade, Gilberto Freyre não só explica na meridiana clareza do seu estilo pontos que hoje interessam aqui em Portugal a grandes massas como, repondo as coisas nos seus devidos lugares, relega a questão dos pronomes para o nível devido e indiretamente nos oferece uma das chaves da peculiaridade da colonização portuguesa no Brasil: não subsistem no brasileiro como no anglo-americano "duas metades inimigas", o branco e o preto; antes elas são "duas metades confraternizantes". Tanto tempo antes do impacto da televisão, inundando o espectador português ou brasileiro de expressões, novas umas, aparentemente novas outras, não era o caso, ainda, de referir também os arcaísmos portugueses mantidos na língua falada no Brasil, sobretudo no Nordeste e no Norte e até no Rio de Janeiro e mesmo em São Paulo e que nos são agora devolvidos, inseridos no colóquio atual, este incorporando também, em alguns casos, termos técnicos de origem anglo-saxônica, transpostos para o português de lá (tal como no século XIX, as missões militares francesas parece terem estado na raiz, com suas centenas de oficiais e soldados convivendo durante dezenas de anos com o povo, e também as viagens à França de gente rica e a leitura de autores franceses em moda, encheram de francesismos a língua portuguesa ali falada), arcaísmos ou expressões do português clássico que há muito em Portugal se perderam ou são fielmente guardadas na linguagem falada no Norte do nosso país. *Casa-Grande & Senzala* é em muitas das suas páginas (e também por isso o livro é fundamental para a cultura portuguesa) o exame da vocação multirracial do português, neste caso com incidência no seu melhor testemunho, o Brasil. Nunca, porém, caindo na apologética anticientífica nem na negação primária, jacobina ou infundamentada. Tal como em *Aventura e Rotina*, obra um tanto esquecida e na qual *O mundo que o português criou* (título, aliás de outro livro seu) é percorrido com extrema independência e lucidez. Visto com olhos de ver. Tal como somos, ou antes como fomos, nos espaços geográficos até onde chegamos. Um dia em que se possa analisar o tema da expansão portuguesa já sem as espinhas da adolescência política, hoje infelizmente mais sectária do que ingênua ou sem o preconceito ideológico que é uma espécie de esclerose prematura dos jovens, serão páginas como essas, nada intencionalmente apologéticas, críticas muitas vezes, recusando-se sempre ao nivelamento por baixo, o das idéias feitas, que ajudarão a entender o outro lado da História.

O pioneirismo deste livro é hoje reconhecido por todos. Nele Gilberto Freyre usou processos então originais e que chamou de "pluralismo metodológico", uma das armas da sua criatividade como cientista social. Processos inspirados na miscigenação — "sou um maníaco da miscigenação, mistura de sangue, de valores, de estilos e de métodos".⁸ Demonstrando pela primeira vez a importância da mestiçagem na formação do brasileiro, dignificou-a, fundamentando-se com a sua concepção de metarraça, de caldeamentos culturais. De igual modo analisou a significação e as conseqüências do sincretismo religioso no Brasil; pe-

8 FREYRE, Gilberto, entrevista a *O Estado de S. Paulo*, novembro de 1978.

netrou o sentido exato do relacionamento e do não antagonismo entre a *Casa-Grande & Senzala*; falou abertamente de sexo quando a própria palavra era quase tabu, até em obras da índole desta; fixou, aproximando-a diversidades e contrastes. *Casa-Grande & Senzala* reúne uma gama de temas creio que única assim globalmente considerada: vai dos estudos antropológicos aos sociológicos ou psico-sociológicos, aos ecológico-sociais, trata de relações inter-humanas e inter-regionais. Tinha razão o professor Eduardo Portella: é obra abrangente e jamais excludente, o que também a singulariza num Mundo cada vez mais fechado em particularismos e especializações. E é também uma obra germinal que só um brasileiro poderia ter concebido e já se sabe hoje que somente Gilberto Freyre poderia ter escrito.

Introdução à 6a. edição portuguesa, comemorativa do cinquentenário da primeira brasileira: Lisboa, Livros do Brasil, 1983, p. IX-XX. Reproduzida com autorização do Autor.